



Escola de Educação Básica Municipal Madre Leontina.

Ibicaré, 23 a 27 de novembro de 2.020.

Professora: Fátima Mariléia Balbinot

Aluno (a): \_\_\_\_\_ 4º Ano

O número de telefone e *whatsapp*, em caso de dúvidas, é (49) 99932-4683.

## MEU AVÔ JUDEU

*Henrique Sitchin*

### MEU AVÔ BRINCALHÃO

Eu não entendi direito porque o vovô viu quando eu falei que precisávamos de um guarda-chuva para irmos até o mercado. A avó havia nos pedidos para comprar batatas. Ela ia fazer os deliciosos *varenikes*, um prato típico judaico que eu adorava!

Ora essa, olhei para o céu e percebi que logo iria chover.

- Vô, precisamos de um guarda-chuva! Acho que vai chover! - eu disse, decidido.

O vovô começou a rir, bem baixinho, como se não quisesse que eu o percebesse rindo.

- O que foi, vô? Porque o senhor está rindo? - logo perguntei.

- Não é nada, meu neto, bobagem do vovô - Ele respondeu, encabulado.

- Ah! Conta vô, porque você está achando isso engraçado?

Eu adorava ouvir as histórias que ele contava, e com certeza havia uma história divertida escondida naquela risada.

- Está bem - disse o vovô, tranquilamente, -vou contar.

É que você falar do guarda-chuva me fez lembrar dos meus primeiros dias no Brasil logo que cheguei aqui há muitos e muitos anos... Quando me disseram que esse objeto se chamava guarda-chuva, achei engraçado e pensei: porque aqui no Brasil as pessoas querem guardar a chuva em cima da cabeça? Quando chove, a gente deveria dizer: saí prá lá, chuva!

E não querer guardar a chuva dentro do guarda-chuva! Até porque, quando fosse abrir o guarda-chuva para usá-lo uma próxima vez, a pessoa tomar um verdadeiro banho com a água que ficaria ali guardada.

Dei uma boa risada daquele pensamento Maluquinho do vovô. Ele adorava me divertir e logo aproveitou para contar mais uma coisa engraçada.

- Uma vez, Henriquinho, vi uma moça na rua com uma panela na mão, furiosa, correndo atrás de outra moça, como quem havia brigado. Ela gritava: “Não adianta fugir! Eu te pego!” Eu logo pensei que aquilo era muito perigoso. Ela iria bater com a panela na outra moça.

- Puxa, vô! - eu protestei. - E porque você achou isso engraçado?

- Não era nada engraçado ver as moças brigando na rua, mas foi bem divertido ver que uma corria atrás da outra com uma panela na mão. Até então, eu achava que a panela servia apenas para fazer comida. Naquele dia eu concluir: acho que a panela também serve para uma moça bater em outra moça e fazer “pá! nela!”... Deve ser por isso que tem esse nome, “panela”... - disse o vovô, divertindo-se.

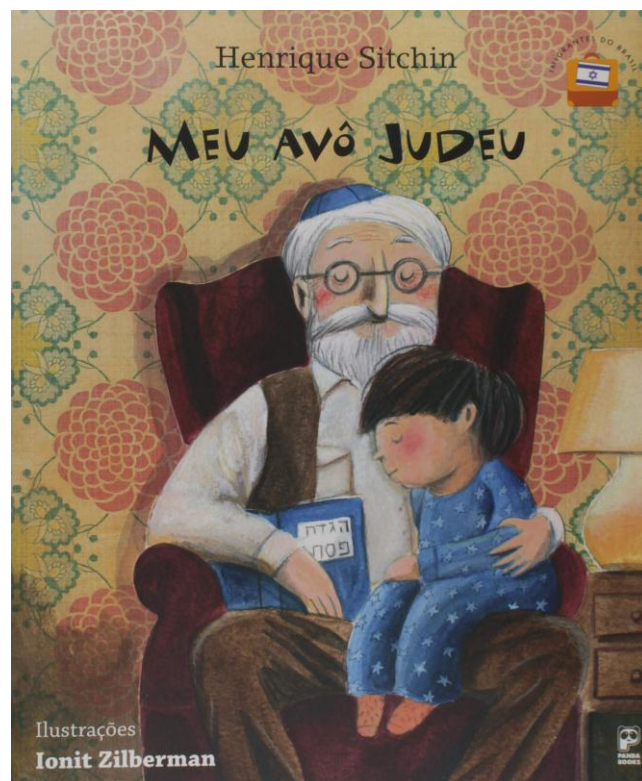
O Vovô era muito bem-humorado. Ríamos juntos das suas lembranças engraçadas. Ele contou de quando confundiu uma xícara com um penico. Naquele tempo, logo que ele chegou ao Brasil, as pessoas faziam xixi nos vasos sanitários, mas também em penicos, porque nas casas antigas costumava haver um único banheiro, que ficava lá no fundão ou fora da casa. Quando as pessoas acordavam no meio da noite, apertadas para fazer xixi, no inverno, em lugar de irem até o banheiro, no frio, fazer um xixi em um penico, uma espécie de baciazinha, que costumavam deixar embaixo da cama, justamente como formato de uma grande xícara. Quando o dia amanhecia, levava o penico cheio até o banheiro e despejavam o xixi no vaso sanitário.

Bom, o vovô achou que o nome do penico, em português, era xícara, pois havia pensado que uma Xícara serviria para fazer XIXI... Quando lhe explicaram que o nome correto era penico, ele logo pensou: ah, claro, pipi você faz no pinico... “pinico” parece com penico!

E era sim, se divertindo, e o vovô e aprendendo a falar a nossa língua...

### A PEQUENA ALDEIA

O meu avô nasceu em uma pequena aldeia que eu nunca entendi se ficava na Rússia ou na Ucrânia. Quer dizer, era na Ucrânia, mas a Ucrânia, naquela época, pertence a Rússia. O vovô, no entanto, não chamava o lugar



onde nasceu nem de Ucrânia, nem de Rússia. Ele simplesmente dizia que havia nascido na pequena aldeia de Golovanievski.

O que foi, amigo leitor? É muito difícil esse nome? Vou fazer como o vovô fazia comigo. Repita devagarzinho: GO - LO - VA - NI - EVS - KI. Isso! Agora fale tudo junto e rápido: Golovanievski.

Está bem, eu sei que não ajudou muito.... Então, calma! Não se assusta mais. Prometo que, na próxima vez que eu citá-lo, falarei apenas “a aldeia do vovô”, para que você não tenha o trabalho de ler esse nome de novo.

Pois bem, Golova... OPS! Digo, a aldeia do vovô era uma pequena vilazinha onde viviam apenas judeus. Essas pequenas vilas recebiam o nome de *shtetel* (se diz ch-te-tel) em ídiche, que significa “cidadezinha”.

Desculpe-me de novo leitor por mais essa palavra difícil ídiche. Esse é o nome do idioma que o vovô falava na sua infância em Golova... DESCULPE! Na sua pequena aldeia. Esse idioma era uma mistura de Hebraico, alemão e palavras de outras línguas. O vovô nunca aprendeu a falar o ucraniano ou russo. Passou a infância falando apenas ídiche. Por isso, quando chegou ao Brasil, foi complicado aprender a falar português, uma língua totalmente diferente da sua.

Mas o vovô não se importava com a dificuldade de aprender uma nova língua, mesmo que fosse tão trabalhoso. Ele me contava que aquilo que fazia com as palavras, como o guarda-chuva, panela e penico, era uma brincadeira. Pois problemas de verdade, ele havia enfrentado outros, bem mais complicados...

## UM OUTRO TEMPO

Eu gostava muito de conversar com o vovô! Adorava quando ele ia me buscar na escola, pelo menos uma vez por semana, porque assim podíamos falar bastante durante o trajeto. Um dia, enquanto estávamos a caminho da minha casa, ficamos parado no imenso trânsito de São Paulo. Havia carros para todos os lados, todos parados, buzinando...

- Quantos carros, quanta gente... falou o vovô, suspirando.

- É mesmo, vovô, e eu estou com fome. Queria chegar logo em casa para almoçarmos - comentei.

Íamos demorar um bocadinho até chegarmos em casa. A minha fome teria que aguentar. O vovô costumava dizer que quando temos um problema que não pode ser resolvido naquele exato instante em que pensamos nele, nada melhor do que não pensar naquele problema. Foi então que ele falou:

- Para você não pensar na fome, vamos pensar em outra coisa!

Ele abriu a carteira, onde guardava os seus documentos, e tirou de lá de dentro uma fotografia bem antiga, já toda amarelada e amassada. Desamassou a foto a foto cuidadosamente, aproximou-se de mim e perguntou:

- Está vendo esse menino aqui na foto? Disse apontando para menor das crianças que apareciam na imagem entre algumas moças e rapazes.

- Sim vou! Quem é?

- Esse sou eu, o seu avô, quando era criança. Aqui eu deveria ter seis ou sete anos de idade... E todos estes em volta, eram os meus irmãos. Éramos em nove irmãos e eu era o caçulinha de todos - respondeu o vovô, ao tempo que já lhe caíam lágrimas dos olhos.

O que foi, vovô? Você ficou triste? - Perguntei, ao vê-lo chorando.

- Sim, fico triste, com saudades dos meus irmãos. Mas não peguei essa foto por causa disso. Até porque não posso resolver o problema das saudades. Peguei esta foto por causa do trânsito em que estamos presos!

Eu não conseguia entender aonde o vovô queria chegar. Qual seria a relação daquela imagem com o trânsito de São Paulo?

Foi então que o vovô explicou: na foto, as nove pessoas estavam sobre um chão de neve bem grossa, em frente a uma pequena e muito simples casinha de madeira. As crianças menores tinham leve até os joelhos. Em volta não se via nada além de pequenas árvores baixinhas, todas brancas, também cobertas pela neve.

Veja, Henriquinho, que esse pequeno garotinho com neve até os joelhos, nesse lugar tão pequeno, com poucas casinhas, todas muito simples, onde se ia de um lugar ao outro a pé ou em carroças puxadas por cavalos, sou eu, o seu avô! Pois bem, quase setenta anos depois, estou sentado aqui, dirigindo este carro barulhento, entre estes prédios enormes de São Paulo... - Puxa, vovô, sua vida era totalmente diferente da vida de hoje, não é? - Totalmente, Henrique... -confirmou o vovô e continuou comentando: -Sabe, esse pequeno menininho aqui, eu criança, se tivesse muita, muitíssima imaginação, talvez até conseguir se imaginar uma carroça andando sem os cavalos... Mas jamais imaginaria este verdadeiro mar de carroças sem cavalos, os carros de hoje em dia, tão barulhentos, em um mundo em que constroem uma casa em cima de outra, e de outra e de outra e de outra...

Sim, o mundo do vovô criança era bem diferente do mundo de hoje... Quando chegava o mês de julho e as férias começavam, muitas vezes eu e meus irmãos íamos com ele e a vovó para uma pequena cidadezinha no interior de São Paulo, da qual o vovô especialmente gostava. Lá havia um grande lago, na praça central, cercado por um bonito gramado onde as pessoas se sentavam, para como dizia o vovô, não pensar nos problemas. Eu adorava jogar migalhas de pão para os patinhos que nadavam no lago. Vinham todos juntos, nadando em minha direção, daquele jeito engraçado que nadam os patos, fazendo um barulhão gostoso, como se tivesse pedindo mais pão. Um dia eu perguntei: - Vovô, quando você era criança, dava comida para os patos, lá na sua aldeia cheia de carroças com cavalos?

O vovô riu e me contou que em Golo... que em sua aldeia tudo era muito diferente do Brasil. No inverno, fazia muito frio e os lagos congelavam. Uma das brincadeiras das crianças era tentar andar pelo lago congelado sem escorregar. Eu logo imaginei o vovô escorregando e caindo de bumbum no chão. Ele, que parecia ler os meus

pensamentos, logo perguntou: - Do que você está rindo, Henrique? -Ah, não fica bravo, vô... Imaginei você caindo de bumbum no chão.

O vovô riu e confirmou. Caía mesmo! Muitas vezes. E seguiu contando que no verão ia às florestas. Corria atrás de esquilo que se escondiam nas árvores. Brincava de subir às montanhas. Adorava, especialmente, as festas na aldeia: desde os casamentos, que eram sempre muito alegre, até as chamadas Festas Judaicas, tais como o Purim, a que ele mais gostava, quando todos se fantasiavam e festejavam muito para lembrar de como os judeus da Pérsia se salvaram de um homem muito mal que queria mata-los. O vovô sempre contava do Seder de Pessach em sua aldeia, um jantar festivo em que os judeus lembravam a saída do Egito, onde eram escravos, para viver em liberdade na Terra de Israel. Enfim, era tão boa vida na pequena aldeia...

Ficamos em silêncio por alguns instantes, olhando para os patos, que comiam felizes o pão que eu lhes dava. Foi então que eu perguntei:

- Mas vô, se a vida na sua aldeia era tão boa, porque o senhor saiu de lá para vir para o Brasil?

### **UMA ALDEIA SÓ DE JUDEUS**

Para responder aquela pergunta, o vovô me contou uma triste história. Ele falou que muitas pessoas, em diversos lugares, não gostavam dos judeus. E por causa disso, os judeus tiveram que deixar as suas casas, tanto na Ucrânia quanto na Rússia e em vários outros países da Europa, para buscar lugares onde pudessem viver em paz e segurança. Por isso ele havia deixado aldeia de que tanto gostava.

- Os judeus foram acusados de muitas coisas ao longo da história, Henrique - falou pacientemente. Quando vovô nasceu, no então Império Russo, foi publicado um livro que dizia que os judeus tinham um plano secreto para dominar o mundo.

- E isso é verdade? - Eu perguntei, preocupado.

O vovô riu, imitou um agente secreto, cantando até a musiquinha do agente 007. Então pediu para eu chegar bem perto dele, olhou rapidamente para os lados, para se certificar de que ninguém estava nos observando, fez um pouco de suspense e disse:

- Não! - e caiu na gargalhada.

- Ah vô! - eu protestei! - Achei que você ia me contar um segredo interessante, como nos filmes de espões!

- Não há segredos, Henrique. Os judeus nunca tiveram planos algum para dominar o mundo. Eu, pelo menos, depois de mais de setenta anos de vida, nunca fiquei sabendo de nada e não conheço ninguém que tenha participado de alguma reunião secreta para discutir o plano de dominar o planeta. Nenhum dos meus amigos e parentes jamais soube de plano algum, porque ele simplesmente não existe!

- Mas vô, é por isso que não gostavam dos judeus? Porque achavam que nós queríamos dominar o mundo?

- Não exatamente... - seguiu contando o vovô. - Por causa dessa e de tantas outras acusações, os judeus foram, aos poucos, se isolando em suas pequenas aldeias, assim como nós, em nossos *shatetel*.

Porém, nem mesmo no *shatetel* eles estariam a salvo. Alguns anos antes do vovô e de dois dos seus irmãos deixar a aldeia, começaram os chamados *pogroms*. Fortes cavaleiros armados com tochas de fogo nas mãos entravam galopando depressa, nas aldeias judaicas, em grandes grupos. Roubavam o que conseguiram levar, queimavam casas e até mesmo chegavam a matar pessoas.

- Até que aquilo ficou insuportável. Tínhamos que ir embora de nossas casas - lamentou o vovô, enquanto olhava fixamente para o lago cheio de patinhos.

Naquele exato momento, começou a chover uma chuva bem forte. A vovó, que estava sentada em um banco da praça, levantou-se apressada e nos chamou para que fossemos embora logo.

- Melhor irmos embora! - Disse o vovô, levantando-se bem devagarzinho do gramado. - Não temos guarda-chuva, não temos saía-prá-lá-chuva, não temos como nos proteger e a sua avó fica muito preocupada de tomar chuva.

Por um instante olhei para os patinhos no lago, quando a chuva apertava ainda mais e já se ouviam fortes trovões. Eles nadavam rapidamente em direção ao outro lado do lago, buscando qualquer abrigo que pudessem encontrar. Eu, no entanto, os via nadar em direção ao centro do lago, onde pareciam ainda mais indefesos. E eu tinha tanto pão para dar a eles...

Não sei exatamente porque, mas ao olhar os patinhos fugindo da chuva, imaginei o vovô e seu irmãos, daquela velha fotografia, fugindo de sua pequena aldeia.

Os grossos e fortes pingos de chuva sobre os indefesos patinhos pareciam ter a forma de fortes cavaleiros...

### **UMA ANTIGA HISTÓRIA**

Quando as férias terminaram, voltamos para nossa casa. A semana passou depressa, ainda bem, porque eu estava ansioso para continuar as conversas com o vovô. Logo chegou à sexta-feira, e, como sempre, no finalzinho do dia, fomos à casa do vovô para comemorar a chegada do Shabat, o dia mais especial da semana. Na verdade, dizemos que o Shabat é no sábado, mas ele começa na sexta-feira à noite. O dia dos judeus é diferente, não começa e termina à meia-noite. Ele termina quando o sol está se pondo, no final da tarde, e começa quando a primeira estrela aparece no céu. Então, o Shabat, todas as semanas começa na sexta-feira à noite e dura até o final da tarde do sábado.

O Shabat é o dia do descanso, quando, o segundo a Bíblia, Deus descansou da sua criação. Pela tradição Judaica, para irmos à casa do vovô nesse dia, todos tomávamos um bom banho, vestíamos uma roupa limpinha e lá íamos nós. Ao chegarmos, a casa parecia brilhar de tão limpa, depois que o vovô e a vovó haviam feito uma boa faxina.

Após fazermos as rezas do vinho e do pão especial de Shabat (*a chálá* – se diz rra-lá), lavávamos as mãos três vezes, comíamos um jantar especial com pratos deliciosos que a vovó fazia e depois o vovô adorava sentar para jogar xadrez. E eu adorava jogar com o vovô. Ele me ensinava pacientemente a pensar nas melhores jogadas possíveis. Quando eu fazia uma jogada ruim, ele levantava as sobrancelhas e ficava me olhando. Não precisava dizer uma única palavra. Eu sabia que havia algo errado na minha forma de pensar sobre o jogo. No entanto, quando eu fazia uma boa jogada, ganhava um sorriso que, para mim, era um dos melhores presentes da vida.

Foi então, durante um desses jogos, que eu voltei a perguntar para o vovô porque tantas pessoas não gostavam dos judeus.

O vovô me contou uma incrível história de mais uma das acusações que nos fizemos ao longo de tantos anos. Na Idade Média, por volta do ano 1.300 morreram quase 100 milhões de pessoas na Europa, vítimas da peste negra, uma doença causada pelos ratos.

-E não morreram judeus! - exclamou o vovô, mais uma vez levantando as sobrancelhas. E continuou: -Fomos acusados de ser feiticeiros que enfeitavam os ratos para que eles matassem as pessoas! - o vovô parou de falar e me olhou fixamente, esperando pela minha reação.

Eu sabia que ele estava me convidando a raciocinar. Eu sabia que não era possível enfeitarem milhões de ratos, que aquilo era um enigma com o qual o vovô me desafiava, e que, para resolvê-lo, eu teria que pensar bastante, como no jogo de xadrez.

Pois bem, depois de pensar por alguns instantes e não conseguir matar aquela charada, eu desisti.

Não sei o motivo disso, vô. Me explica...

Foi assim que o vovô contou que, por causa das suas tradições, os judeus não contraíram a peste negra. Para receberem o Shabat, tomava um bom banho, limpavam muito bem as suas casas, o que afastavam os ratos e, antes de comer, lavavam as mãos três vezes, o que evitava doenças.

Naquele tempo, cresciam na Europa as primeiras cidades modernas, onde, as feiras, se trocavam alimentos por produtos. As pessoas levavam alimento para casa e, como não havia geladeira, muitas vezes ele estragava. Fora isso, não havia tubos de esgoto embaixo da terra, nem como levar o lixo para longe das casas. Havia também o frio intenso e, sem chuveiros com água quente, as pessoas raramente tomavam banho. Pois bem, a comida estragada, a falta de banho e o lixo nas ruas e nas casas atraíram milhões de ratos, que passaram a conviver com as pessoas. O contato das pessoas com as pulgas dos gatos causou a peste negra. Assim, por terem regras rígidas de higiene, os judeus se salvaram desta terrível doença. No entanto, foram acusados de serem feiticeiros muito maus.

Naquela noite, antes de cair no sono, já em casa, fiquei pensando em como seria possível conseguir enfeitarem milhões de ratos...

Ainda se fossem patinhos interessados em migalhas de pão...

## TANTO ÓDIO

Muitos anos depois, voltei a pensar na história dos ratos que o vovô me contou naquele Shabat. Nossas tradições nos salvaram dos ratos, mas infelizmente não nos salvaram do ódio de tantas pessoas.

Os meninos aos 13 e as meninas aos 12 anos, quando fazem o Bar e o Bat Mitzvá, aprendem a ler em hebraico. Eles são chamados a sinagoga para ler um trecho da Bíblia. A partir de então, são considerados responsáveis pelos seus atos perante Deus. Pois bem, ao aprender a ler e a escrever, também aprendemos a fazer contas. As letras em hebraico, idioma em que foi escrita a Bíblia, correspondem a números. Por exemplo, o número 18 corresponde a palavra *chai*, que significa “vida”.

Antigamente, em um mundo onde pouquíssimas pessoas sabiam ler e escrever, ou então fazer contas, os judeus, justamente por conhecerem as letras e os números, eram convocados pelos reis para serem cobradores de impostos. Assim podiam fazer as contas das dívidas de quem não pagava, bem como anotar os números de forma correta. Por essa atividade que eram obrigados a realizar, eram odiados pelas pessoas que já não tinham quase nada e não queriam ser cobradas.

Por tantas acusações, os judeus foram proibidos de trabalhar com a terra. Como não podiam trabalhar com a agricultura, se tornaram comerciantes. Muitos enriqueceram no comércio, assim como muitas pessoas hoje em dia enriquecem. Não somente por rezarem juntos, todos os dias da semana, obrigatoriamente em grupos com no mínimo dez homens, os judeus eram muito unidos e se ajudavam muito uns aos outros.

Uma piada judaica diz que se juntarmos dois judeus, teremos três opiniões diferentes sobre cada coisa. Para poderem explicar e defender suas opiniões, os judeus sempre estudaram bastante. Muitos se tornaram importantes cientistas, como Albert Einstein, o grande físico; Albert Sabin, que criou a vacina contra paralisia infantil; Sigmund Freud, chamado de “o pai da psicanálise”; o filósofo Karl Marx, que escreveu *O Manifesto Comunista*; entre tantos outros. Em resumo, em muitos países eles prosperaram, e isso também não foi bem visto. Na Alemanha de antes da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, os judeus foram acusados de arruinar a economia do país. Foi assim que, no decorrer dessa história tão sobre sombria, morreram 6 milhões de judeus, vítima do ódio na Alemanha nazista...

## UMA LONGA VIAGEM

Em um bonito dia de sol, quando estávamos no Rosh Hashaná, comemorando o início do ano judaico, vi o vovô derramar suas lágrimas mais uma vez enquanto caminhávamos em um parque. Quando lhe perguntei se era de saudades dos seus irmãos, muitos dos quais ele jamais voltara a encontrar, ele me olhou com a doçura de sempre e

contou que aquela caminhada pelo parque lhe fazia lembrar da maior de suas aventuras pela vida, e que isso o emocionava. Contou que, aos 17 anos, juntou umas poucas roupas que colocou em uma trouxinha e, com dois de seus irmãos, partiu de sua aldeia em direção à Israel. E ele foi... A pé! Isso mesmo! Incrível, não é? A distância entre a Ucrânia e Israel é de aproximadamente 3.000 quilômetros. Seria o mesmo que ir e voltar de São Paulo a Rio de Janeiro a pé, mais de 3 vezes seguidas!

Quando perguntei ao vovô como havia sido essa viagem, ele contou que aquele foi um dos episódios em que mais sofreu na vida. Foram muitos os problemas que ele e seus irmãos enfrentaram durante a caminhada, como o frio, a fome e tantos outros desafios. Eu logo imaginei o vovô enfrentando dragões pelo caminho. Quando perguntei se havia lutado contra dragões, ele me respondeu sério, e mais uma vez com os olhos marejados:

- Dragões teriam sido simples de enfrentar...

Então, o vovô ficou em silêncio e continuou caminhando pelo parque. Imaginei-o andando devagarzinho, tantas décadas antes pelo meio da neve, enfrentando o frio e a fome.

Foi então que eu falei, olhando nos olhos dele:

- Que bom, vovô, que você venceu os problemas em sua caminhada pela neve! Assim, hoje posso caminhar juntinho com você, entre as grandes árvores deste parque tão bonito e quentinho.

O vovô me abraçou forte, talvez o mais forte dos abraços que me deu na vida.

### **AS HISTÓRIAS DA TARDE... AS HISTÓRIAS DA VIDA**

As lembranças que tenho da casa do vovô, de algumas tardes de sábado depois do almoço, quando íamos eu e meus irmãos visitá-lo, são das mais queridas que guardam da infância... Levantávamos da mesa, levávamos a louça para cozinha, e o vovô caminhava, já com passos lentos, quase arrastando os pés, em direção ao seu quarto. Fechava a porta. Ficávamos nós, os netos, ansiosos para vê-la abrir quando, então, ele aparecia com seu pijaminha de flanela, que ele dizia ser muito quentinho. Convidava todos, para nos deitarmos na cama com ele. Ficávamos eu e meus irmãos quietinhos, e também quentinhos, para ouvir as suas histórias inesquecíveis.

Ele falava das confusões que faziam ao aprender a falar português, contava algumas piadas e também muitas histórias da pequena aldeia onde havia nascido. Contava dos anos que viveram em Israel, antes de vir para o Brasil para se juntar a família da vovó, que já havia chegado por aqui. Falava dos amigos que fez naquele tempo, entre eles alguns árabes palestinos, dos quais recordava sempre com carinho.

Muitos anos depois li uma frase escrita por um grande escritor israelense, que me lembrou as histórias do meu avô.

Disse o escritor Amós Oz: “O conflito entre israelenses e palestinos é a luta do certo contra o certo”. Os judeus, que não podiam viver em paz em parte alguma do mundo e sonhavam em voltar à sua terra ancestral, e os palestinos que, hora essa, já viviam ali.

Sempre me lembro do vovô contando, com a ternura de sempre, dos amigos palestinos que tinham Tel Aviv:

- Éramos todos pais de famílias, buscando um lugar para viver e criar nossos filhos em paz, todos nós... Eram, enfim, os “certos e os certos” de Amós Oz.

Aprendi sobre tudo sobre a vida, com o meu avô. E também aprendi sobre o povo judeu. E aprendi a sentir grande orgulho de ser judeu e pertencer a esse povo. Mas aprendi, também, talvez por causa da nossa história de tantas dores, a ter tolerância e entender que somos todos apenas seres humanos iguais, neste grande mundo. Nem piores, nem melhores, nem certos, nem errados apenas humanos.

Uma vez, já adulto, quando morei alguns anos em Israel, conversei com um velho senhor que estava sentado, descansando em sua espreguiçadeira, em frente a um grande lindo jardim, na fazenda coletiva, o *kibutz* onde ele vivia. Ao redor, havia apenas o grande deserto do Neguev. Acostumado a sempre fazer perguntas, logo quis saber como havia sido a sua vida. Ele disse que sua vida era como aquele jardim para o qual nós olhávamos. Que a sua maior alegria era poder sentar-se em frente ao jardim e pensar:

- Eu fiz tudo isso - disse ele. - Plantei este lindo jardim, apesar de todas as dificuldades, da secura da terra, dos ventos, do calor, das tempestades de areia. Eu vivi e construir um jardim no deserto, e não há melhor motivo para vida do que este.

Naquele dia eu pensei no vovô, que havia partido a alguns anos... Ele, assim como aquele velho senhor, tinha construído uma linda família. O seu grande jardim, do qual cuidava com todo amor que pode haver nesta vida, apesar de todas as dificuldades. E então pensei mais: nós, judeus, talvez sejamos como aquele jardim do deserto. Teimamos em ficar vivos, cercados pelo deserto que não nos quer deixar viver.

Ao longo da nossa história, insistimos, e insistimos muito, e lutamos pela vida com todas as nossas forças, tal com uma planta luta para sobreviver no deserto. Para que um dia, quem sabe, estejamos todos juntos, sentados em frente ao mais belo dos jardins, no meio do deserto, cantando uma de nossas mais importantes canções: “veja que bom estarmos todos aqui, sentados juntos, como irmãos”.

Foi como se o avô estivesse ouvindo meu pensamento. Senti muitas saudades! Agora, eram dos meus olhos que escorriam lágrimas, as mesmas que eu tantas vezes vi o vovô derramar. E senti que, de algum lugar, ele sorria para mim. Aquele mesmo sorriso de quando eu, menino, fazia uma boa jogada no xadrez...